

EDITORIAL

Caras e caros leitores,

Não obstante as constantes crises pelas quais a ciência no país tem passado, além do descrédito recorrentemente endereçado a ela, a produção acadêmica continua a todo vapor no Brasil. Prova disso é que o fluxo editorial da **Contemporanea - Revista de Comunicação e Cultura** é sempre repleto de numerosos e diversos artigos que apresentam resultados do esforço da área de Comunicação e Informação para desenvolver investigações de boa qualidade. Desse modo, lançamos esta segunda edição do ano de 2020, que traz um leque variado de estudos, os quais desenvolvem tanto discussões teóricas acerca de multiculturalismo e identidade, quanto análises empíricas sobre produtos audiovisuais e consequências da distribuição de materiais jornalísticos por meio de dispositivos móveis.

Antes de apresentá-los, entretanto, é necessário fazer o devido agradecimento, que sempre reforçamos em nossos editoriais, a avaliadores e avaliadoras que colaboram conosco, permitindo que nosso trabalho possa ser mais ágil e que a revista mantenha a qualidade de suas publicações. Sem esse trabalho invisível, assim como também o trabalho das editoras (muito bem ressaltado pelo editorial da *Revista Contracampo-UFF* em seu último número), não seria possível a circulação de discussões e achados entre nossos pares acadêmicos, o que contribui efetivamente para a construção de conhecimento em nosso campo de estudos.

O artigo que abre esta edição, de Consuelo Lins e Caio Bortolotti Batista, intitulado “*Era o Hotel Cambridge: quando o documentário ocupa a ficção*”, desenvolve uma análise fílmica a fim de compreender o processo de produção documental, observando o estado de militância dos sujeitos envolvidos nessa produção. Ainda na linha de análise de produtos audiovisuais, tem-se o artigo “Dois dogmas da poética do *Storytelling* televisual”, de Benjamin Picado. Esse segundo texto analisa a poética da narrativa em peças televisivas ficcionais em formato seriado, tendo por foco a narratividade e o efeito estético desses produtos.

A partir de uma discussão teórico-conceitual, Jacques Wainberg apresenta em seu texto, “O fracasso do multiculturalismo e a crise das identidades”, um estudo de como os discursos de ódio podem ter trazido consequências nocivas para os processos multiculturais,

a partir da observação das histórias contadas a expatriados muçulmanos. Ainda numa perspectiva teórica, o artigo “Arquivamento e álbum de Família: entre o documento e a expressão”, de Rafael Delfino Rodrigues Alves e Ana Rita Vidica Fernandes, questiona a classificação das fotografias que compõem um álbum de família, a partir de uma problematização dos conceitos de “fotografia-documento” e “fotografia-expressão” de André Rouillé.

Em seguida, o número traz o artigo de Cláudia Linhares Sanz e Mirella Ramos Costa Pessoa, intitulado “Vigiar a velhice, vigiar o futuro: tecnologia, antecipação e governo de condutas”, que discute a imagem de velhice em meios de comunicação, considerando, sobretudo, as dinâmicas atuais do estabelecimento de padrões quando a beleza é um elemento de consumo.

O sexto artigo deste número se intitula “Em busca de representações: uma aproximação com o campo midiático angolano” e possui a autoria de Flávia de Almeida Moura e Osmilde Augusto Miranda. Nele, os autores realizam uma pesquisa comparativa acerca das condições de trabalho em zonas rurais do Maranhão e de Angola, e discutem questões de mídia, direitos humanos e identidade.

Na sequência, tem-se o artigo “Comunicação na ambiência digital: análise da publicidade no *Instagram* de marcas de vestuário”, escrito por Graziela Frainer Knol, Taís Steffenello Ghisleni e Rafaela Milani Rezer. As pesquisadoras apresentam no texto resultados de uma análise acerca das características da presença digital de marcas por meio da plataforma que intitula o texto, encontrando nos seguidores uma variável importante para a compreensão das novas dinâmicas desenvolvidas pelas marcas no ambiente digital.

Por fim, a edição traz o artigo intitulado “Um estudo preliminar sobre a experiência da leitura de reportagens em dispositivos móveis”, de autoria de Rodrigo Cunha e Yara Medeiros, que apresenta uma proposta de análise do consumo de notícias a partir da observação dos formatos online adotados por três jornais: *Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo* e *O Globo*. Os pesquisadores partem do princípio que deve haver limites para o volume de informação visual disposta nas chamadas reportagens visuais a fim de que, ao contrário do que almejam, não confundam os leitores.

Desejamos uma ótima leitura!

As Editoras.